



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete do Vereador GILSON BARRETO

PROJETO DE LEI n.º _____/2022

Altera a Lei Municipal n.º14.485, de 19 de julho de 2007, para incluir no Calendário de Eventos da Cidade de São Paulo, o DIA YORUBÁ, e dá outras providências.

A Câmara Municipal de São Paulo **D E C R E T A**:

Art. 1º - Fica inserido inciso DCCI, ao art. 7º da Lei no 14.485, de 19 de julho de 2007, com a seguinte redação: "Último sábado do Mês de Novembro: DIA YORUBÁ".

Art. 2º - As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões,

GILSON BARRETO
Vereador - PSDB



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Gabinete do Vereador GILSON BARRETO

JUSTIFICATIVA

O conceito de patrimônio imaterial abrange expressões culturais e também as tradições que um grupo de indivíduos preserva em homenagem à sua ancestralidade para si e para as gerações futuras. Desta forma, temos que os saberes, os modos e maneiras de fazer, as formas de expressão e linguagens, as celebrações, festejos, tradições, são exemplos do que sejam patrimônios imateriais. Neste diapasão, o vocabulário coloquial nas Casas Tradicionais de Matrizes Africanas, e a presença notória e marcante de africanos e suas expressões artísticas na capital de São Paulo, se destaca como expressão de saberes coletivos e como forma de preservação milenar de uma cultura advinda com a diáspora.

Vale dizer que os idiomas afros, notadamente o Yorubá, são utilizados para comunicação interpessoal, assim como forma de menção a objetos, interjeições, rezas e em ritos secularmente praticados em vários estados do Brasil, em especial no Estado do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo no ambiente das Casas Tradicionais de Matrizes Africanas de origem na etnia nagô, ou Yorubá. Há cerca de 500 (quinhentos) anos a comunidade Yorubá preserva uma linguagem milenar de origem no sudoeste africano, trazido para o Brasil e aqui mantido desde o século XVI. É, portanto, o idioma Yorubá, além de uma ferramenta de comunicação, um bastião de resistência sócio cultural.

Sendo assim, torna-se justificável o fato do município de São Paulo ter em seu calendário de comemorações um dia dedicado ao idioma Yorubá e a sua comunidade, aqueles que professam as religiões Yorubá e a todas as manifestações artísticas ligadas ao Yorubá, uma vez que se trata de uma comunidade que sofre muito preconceito por parte da sociedade.

Os estudos apontam a existência de cerca de 1.250 línguas africanas diferentes, conforme o critério de agrupamento idiomático utilizado. Desde os idos do século XIX, os europeus tentam compreender esta variedade, criando métodos de compilação que facilitassem esse estudo.

Desta forma, organizaram pesquisas e passaram a estabelecer critérios para a reunião de línguas que parecem possuir origem comum e estruturas semelhantes. Apesar de milenar, o idioma Yorubá era filosoficamente ágrafo. Vale dizer que a cultura africana, como um todo, é marcada pela tradição oral. A liturgia dos cultos de



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Gabinete do Vereador GILSON BARRETO

Candomblé no Brasil foi, com esta base, transmitida ao longo dos séculos através da palavra. Por ser uma cultura calcada na oralidade, muito se perdeu na diáspora, quando os africanos aqui chegaram como escravos, sem dominar nosso idioma e sem que pudessem livremente professar sua fé e suas manifestações artísticas. Sem registros documentais, foi grande o prejuízo à manutenção das tradições e das bases litúrgicas de origem africana. Com eles, aportaram e ainda aportam em nosso solo, seus costumes, sua fé, sua língua. Seus idiomas de origem, embora oficialmente proibidos, eram mantidos secretamente entre os escravos, ganhando contornos de resistência identitária, no cotidiano e de heroísmo, nos quilombos, calundus e terreiros de Candomblé e Umbanda. O Prof. José Beniste, decano do estudo do idioma Yorubá no Brasil, assim leciona em sua Obra “História dos Candomblés do Rio de Janeiro” (Bertrand, 2015, RJ): “O negro errava na gramática, mas acertava no ritmo, no som e no coração. Com expressões e sinais criados para uso próprio, como meio de adaptação a uma sociedade adversa, encontra meios de utilizar-se da linguagem como elemento de reencontro com suas origens.

Não houve chance de uma aproximação junto à sociedade branca através do ensino e da educação, mesmo após a Abolição. De maneira geral, a instrução brasileira no século 19 foi aristocrática e destinada à preparação de uma elite, mas não à educação do povo. Surgia, assim, uma minoria de letrados, e uma enorme massa de analfabetos, que viria se tornar uma herança, pois, o aspecto negativo da colonização portuguesa foi sempre o desinteresse pela difusão da cultura, comparado com a colonização espanhola. Meus bisavós vieram de África. Contam que ficavam entre eles conversando na língua deles. Mas quando o senhor via que eles estavam conversando na língua africana, gritava! Não era para falar mais. Tiveram que perder a língua à força. E aí tinham que falar português que eles não sabiam direito”. (Relato de Benedita em Memórias do Cativo, Civilização Brasileira, 2005). E arremata Beniste: “Da mesma forma que a população colonial, sem perceber, passou a cantar e a falar como o negro, o próprio negro teve que se adaptar à linguagem do branco, criando, no dizer de Yeda Pessoa de Castro, um dialeto das senzalas. Isto viria a ser registrado na forma de falar dos ancestrais africanos no momento de suas manifestações nos futuros Terreiros.” O idioma yoruba, ainda hoje, é a língua oficial para a comunicação entre Homens e entre estes e seus deuses, nos espaços sócios religiosos de origem étnica Yorubá. Conforme pesquisa realizada pela PUC-Rio (<http://www.nima.pucRio.br/images/MAPCMRA->



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Gabinete do Vereador GILSON BARRETO

RJ/TEXTOS/Cartilha%20Mapeamento%20com%20codigo.pdf), há terreiros de etnia nagô/ioruba em todo o território do Sudeste, perfazendo milhares de polos de resistência étnica cultural.

O censo demográfico do IBGE (https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religio_deficiencia.pdf), indica que os estados do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo possuem uma das maiores concentrações de descendentes e praticantes das religiões afro, em especial nagô/ioruba do Brasil e de africanos. Vale ressaltar que já tramita no IPHAN o processo no 01450.012503/2016-68/INDL, que indica estar o Yorubá no caminho de ser o primeiro idioma africano reconhecido como a Referência Cultural Brasileira. Importante questão pesa igualmente sobre o caso: a crescente intolerância religiosa que acaba resvalando na cultura africana em todas as suas nuances, como a arte, a culinária e também o idioma litúrgico.

Vale ressaltar, que o idioma Yorubá, de origem milenar, foi trazido para o Brasil ainda no período escravagista, desde o Século XVI, pelos oriundos do sudoeste africano, notadamente pela etnia Yorubá. Em nosso estado, este idioma foi preservado no espaço das Casas Tradicionais de Matrizes Africanas de origem Nagô/Yorubá, onde até hoje, todos os rituais e liturgias são professados naquela língua. Além disso, é comum, no cotidiano, que os indivíduos frequentadores do espaço sagrado do Terreiro refiram-se entre si, na interlocução interpessoal, fazendo uso de tal idioma.

Com o passar dos anos, a uso do idioma Yorubá ganha perfil de resistência da própria identidade cultural e histórica de um povo, cuja descendência representa uma expressiva parcela da sociedade brasileira, perfazendo um conjunto de cerca de 3,5 milhões de brasileiros.

(http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf). Ocorre que, por conta do preconceito, da ignorância, do sufocamento da educação eurocêntrica e também em razão da intolerância religiosa, a cada dia o idioma Yorubá sofre com cerceamentos, banimentos, boicotes e desmerecimentos sociais.

Logo, faz-se mister que a cidade de São Paulo decida pela inclusão do Dia Yorubá em seu calendário comemorativo, para que haja o devido reconhecimento, preservação e difusão da língua e da cultura, criando não só um marco, mas também, um precedente para outros falares e saberes de origem africana.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Gabinete do Vereador GILSON BARRETO

Desta forma, encontramos presentes todos os requisitos necessários para que o idioma e a comunidade Yorubá sejam reconhecidos:

- 1 – É um elemento de transmissão de cultura;
- 2 – É uma referência identitária de grupos sociais existentes em nossa Unidade Federativa;
- 3 – É relevante para sua história e memória;
- 4 – É uma referência cultural estadual e brasileira;
- 5 – Sua preservação será importante no combate ao preconceito e à intolerância religiosa.

As manifestações artísticas, que tangenciam a comunidade Yorubá, serão realizadas nessa data no intuito de salvaguarda da memória e valorização da cultura a exemplo dos grandes mercados populares nigerianos, palco de múltiplas expressões artísticas, religiosas e culturais do povo Yorubá. Os Yorubás têm uma rica e vibrante comunidade artesanal. O costume de arte e artesões entre o Yorubá é profundamente assinalado no corpo literário Ifá que indica os orixás como central à mitologia de criação inclusive a obra artística (arte da humanidade). São considerados prolíficos escultores, famosos por suas magníficas obras em terracota em todo o século XXII e XIV. Os artistas também tinham sua capacidade em fazer obras de arte de bronze. Na contemporaneidade o artesanato continua sendo muito difundido. A música e a dança sempre foram uma importante parte da cultura Yorubá para aqueles que vivem na Nigéria, bem como na diáspora.

Yorubá música e dança são usadas para muitas ocasiões diferentes na vida tais como festas religiosas, ocasiões reais, e entretenimento. Yorubá música tradicional centra-se em Yorubá divindades.

Antes da colonização os Yorubás só usavam roupas típicas, hábito que permanece até hoje, porém com modificações de influência ocidental. Essa riqueza estética ganhará visibilidade e destaque, adquirindo importante valor comercial ao ser destacada dentro de um projeto de lei.

Alguns alimentos comuns Yorubá são Iyan (inhame moído), Amala (farinha de inhame), eba, semo, fufu, Moin moin (bolo de feijão) e akara. Sopas incluem egusi, ewedu, ila okra, legumes também são muito comuns como parte da dieta. Itens



CÂMARA MUNICIPAL DE **SÃO PAULO**

Gabinete do Vereador GILSON BARRETO

como arroz e feijão (chamados localmente ewa). Alguns pratos são também preparados para festas e cerimônias como Jollof arroz e arroz frito. Outros pratos populares são Ekuru, cozidos, milho, mandioca e farinhas – por exemplo milho, inhame, banana e feijão, ovos, frango, carne e formas variadas de carne e peixe (Pumo é feito de pele de vaca). Algumas refeições menos conhecidas e muitas básicas variadas são mingau de araruta, doces, frituras e poções de coco; e alguns pães – fermento de pão, bolos rock, e pão vinho de palma para citar alguns.

Ante ao exposto nesta vasta justificativa, solicito o apoio dos nobres pares para o presente Projeto de Lei, para que esta casa possa prestar justa homenagem a esta comunidade tão popular no nosso país e que tanto contribui para a preservação das raízes africanas originais formadoras do nosso povo, incluindo o Dia Yorubá, no calendário oficial da cidade de São Paulo.